

Memória impressa - enunciados em torno do magistério no Rio Grande do Sul (1950-1970): um *mesmo* sempre retorna

Beatriz Daudt Fischer

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.
e-mail: beadf@poa.unisinos.br

Resumo

Na história da educação brasileira, as forças antagonônicas ao *estabelecido* têm sido costuradas em redes de frágil poder, deixando-se seduzir pelo retorno ao *mesma*. O presente trabalho estuda discursos em torno do magistério entre 1950 e 1970, nas páginas de três importantes periódicos gaúchos. Os dados são retirados sempre do mês de outubro de cada ano, com exceção dos significativos anos de 1963 e 1964, quando passa a ser investigada a totalidade das edições publicadas. Neste recorte temporal, enunciados subjacentes às práticas discursivas, articuladas a diferentes redes de poder, permitem identificar três momentos específicos com características próprias. Percebem-se que forças contrárias ao estabelecido (lutas do magistério em favor de seus direitos) tentam emergir, mas em seguida não encontram condições de existência. Nestas circunstâncias, aquele antigo quadro - no qual sempre esteve traçada a pauta que *a mestra* deveria seguir - volta a tomar seu lugar de destaque. A moldura é restaurada, a imagem sofre pequenos retoques, mas com extremo cuidado, com a sutileza necessária a fim de garantir que o velho pareça novo. Ali, porém, bem visível, está *o mesma*.

Palavras-chave

Docência; práticas discursivas; memória impressa.

Abstract

In the history of Brazilian education, the contrary strengths related to those established have been made into networks of fragile power, allowing themselves to be seduced by the return to original concepts. The work in hand studies discourses related to teaching between 1950 and 1970, within the pages of three important periodicals published in Rio Grande do Sul. The data have always been taken from the month of October of each year with the exception of the significant years of 1963 and 1964 when the totality of publications began to be investigated. In this time clipping, statements subjacent to the discursive practices, articulated with different chains of power, permit the identification of three specific moments that have their own characteristics. Strengths contrary to those established (struggles of the teaching profession in favor of members) can be perceived as trying to emerge, but soon see that they cannot find conditions for their existence. In these circumstances, the old image within which were always laid out the guidelines for the teacher to follow, returns to take its place of distinction. The frame is restored, the image is slightly touched up, but with extreme care, with necessary subtlety in order to guarantee that the old image looks like the new one. However, quite visibly, the image is the same.

Key words

Teaching; discursive practices; published memory.

Enunciados, sustentados por vigilantes redes "da ordem e do bem-estar social", encontram guarida em páginas impressas. Na história da educação brasileira, as forças que poderiam ser antagônicas ao *estabelecido* têm sido costuradas em redes de frágil poder, deixando-se seduzir pelo retorno ao *mesma*. Partindo do pressuposto de que todo regime de verdade está conectado com um sistema de poder que o produz e o sustenta (Foucault, 1995), o presente trabalho estuda discursos em torno do magistério gaúcho entre 1950 e 1970 do último século, desde as páginas de três importantes periódicos (Correio do Povo, Última Hora e Zero Hora)¹. Tomando o mês de outubro como referência, a pesquisa busca enunciados subjacentes às práticas discursivas, identificando três momentos, detectados através de lentes teóricas que utilizam conceitos como enunciados e práticas discursivas articuladas a diferentes redes de poder².

Em nome da *realidade dos fatos*, o poder da imprensa determina o que é preciso que seja dito, o que é preciso que seja acreditado, o que precisa ser feito. Toma lugar neste espaço um imenso discurso da ordem, uma espécie de ortodoxia. Os jornais não necessitam de argumentação derivada da ciência, já que falam em nome do *real*. As práticas discursivas cumprem aí uma função "socialmente útil e politicamente conservadora" (Foucault, 1993).

Nesta pesquisa, o primeiro momento situa-se aproximadamente entre 1950-1962, demarcando inicialmente um clima do pós-guerra, tempo de ingenuidade e empenho na "reconstrução do mundo". Os

periódicos revelam discursos encarando o magistério como sublime missão, as professoras, pessoas extraordinárias³. Aqui e ali, porém, notícias dão conta de uma realidade não tão sublime: denúncias de salários em atraso, de ajustes prometidos e eternamente adiados.

Na medida que os anos passam, há igualmente reportagens denunciando o descontentamento das professoras. Ao se aproximar a década de sessenta, vários fatos discursivos levam o leitor a imaginar que algumas rupturas estariam se processando. Movimentos em favor de maior justiça social se consolidam. Tudo isso se desdobra intensa e, às vezes anarquicamente, em especial ao longo do ano de 1963, vindo a provocar reações por parte das forças políticas de direita, gerando o golpe militar em março de 1964. Assim, o segundo momento destacado nesta pesquisa concentra-se em torno de algumas matérias publicadas nestes dois significativos anos. O terceiro momento, caracterizado por analistas políticos como "fase do máximo autoritarismo", apresenta-se permeado pelos acontecimentos discursivos publicados sob a vigilância de um superego editorial. Discursos governamentais voltam a homenagear as professoras, identificando o magistério como especial colaborador do processo desenvolvimentista. O magistério, em doses homeopáticas, insere-se neste clima: um eterno *mesmo* encontra aí terreno fértil para aflorar.

Propõe-se aqui uma leitura como se estivéssemos folheando aqueles jornais e deparando-nos, de quando em quando, com textos e demais matérias referentes ao

magistério de então. Assim, a década de cinqüenta fica registrada como um tempo bom de se viver: finalizada a guerra na Europa, a harmonia volta a reinar também no Brasil, com promessas de consolidação da democracia. Segundo os jornais da época, o magistério, encarado como uma sublime missão, tem nas mestras as pessoas responsáveis não só pelo preparo de futuros cidadãos para a pátria, mas também de futuros herdeiros para o céu. Não é difícil, entretanto, ir captando aqui e ali algumas notícias que dão conta de uma realidade nem tão sublime assim. Denúncias em torno de salários que atrasam, ou de ajustes eternamente prometidos e sempre adiados, formam um somatório de situações desfavoráveis para quem abraçou tal *missão*. Esta parte do cenário, entretanto, nem sempre aparece em destaque, já que o enredo trama textos paralelos, fazendo ressurgir sempre, com especial vigor, a exaltação à figura da professora frente à *sagrada missão do magistério*.

Discursos em torno da mestra lembram insistentemente que da professora depende o destino das gerações, a formação dos valores vitais, a construção do progresso moral e espiritual. Como se o futuro da humanidade estivesse inteiramente sob sua responsabilidade. Tais discursividades independem da posição que ocupam os sujeitos que *falam*. Todas guardam similaridades entre si. Exaustivo se tornaria trancrever os inúmeros adjetivos atribuídos à professora em seu dia *consagrado* - termo comumente usado para significar o dia 15 de outubro. De fato, a imensa maioria das homenagens são dedicadas às profes-

oras primárias, mas mesmo assim, como é de praxe, tudo está no masculino. Ali se diz que *o professor é abnegado, devotado, capaz, benemérito, digno obreiro, bondoso, diligente, resignado, amoroso, idealista, útil à comunidade, sendeiro da cultura*. Também são lembradas as respectivas responsabilidades, na medida em que os discursos referem à *obra patriótica e redentora* que lhe compete exercer. As homenagens insistem em lembrar que tal atividade, *desinteressada, está a serviço da Família, da causa pública, da Pátria, da Humanidade, que é missão perene e silenciosa, que plasma gerações; é tarefa sagrada, sacerdotício, missão heróica. É arte e apostolado, é função oracular e consagração*. Este professor, entretanto, segundo os mesmos textos, *assume e/ou enfrenta desconforto, rudeza, monotonia e repetição no dia-a-dia, ásperas lutas e circunstâncias adversas, mas não esmorece, porque possui espírito sacerdotal, senso de responsabilidade e, por isso, pratica anônimos sacrifícios, diante da missão sublime, nem sempre recompensada materialmente*.

À primeira vista, as enunciações - impregnadas de um tom moralista, com nuances de apelo emocional - independem do tempo ou do meio em que aparecem. Mas só à primeira vista. Um mergulho mais profundo pode fazer com que se encontrem falas diferenciadas, que sempre estiveram lá e que não se vêem a não ser penetrando no interior do discurso e fazendo relações com instâncias extra-discursivas e respectivos micro-poderes. O tom de dissonância emite alguns acordes. É raro, mas existe. Como esse, por exemplo, par-

tindo de um simples leitor: "Para os grandes sempre há verba [...] seus elevados dispêndios estão garantidos [...] mas os pequenos..." E adiante, nesta longa carta, refere-se "às esperanças frustradas dos abnegados funcionários e do professorado" (Cartas do Leitor, CP, 24 out. 52, p. 4). Embora de forma tímida, professoras começam a insinuar protestos. Ao mesmo tempo em que o Secretário de Educação afirma "o Rio Grande se ufana destes beneméritos construtores da sua grandeza e da sua civilização", o mesmo jornal publica longa carta assinada por "uma professora primária inativa" solicitando que "nos últimos anos de suas vidas, se lhes fizesse justiça [...] É esta a paga que teremos do poder público após mais de 35 anos de serviço!" (CP, 20 out. 53, p. 4)⁴.

Alguns editoriais ao longo dos anos também denunciam a remuneração injusta dos professores. Em contrapartida, porém, outros discursos, em especial dos representantes do Estado, aparecem exortando o devotamento dos mestres: "Tenho me emocionado por causa de vossos anônimos sacrifícios em difíceis e inóspitas regiões [...] pela consciência que tendes de vosso dever [...]" (Secretário Vieira da Cunha, CP, 15 out. 55, p. 10). Utilizando-se de uma estratégia discursiva indireta, procura tocar no ângulo moral, dividindo o mundo entre bons e maus:

Sei que alguns há que são desiduosos no cumprimento do dever, desiludem a comunidade a que servem e comprometem os fundamentos da própria democracia. Mas por outro lado, tais e tantos são os méritos da maioria do nosso professorado que os pecados desses poucos traidores

de sua nobre missão são como aquelas manchas que existem no sol. Tão grande é o fulgor e o brilho de sua luz que as manchas não aparecem. Assim também brilham e refulgem, professores e professoras, as virtudes dos que cumprem com o seu dever.

No somatório dos demais acontecimentos noticiados, porém, constatam-se que novas práticas dizem da perda de ingenuidade. Notícias na imprensa afirmam ser *extenso e fundamentado* o memorial entregue ao governador, contendo *manifestações da classe, que o Sr. Secretário considera justas as aspirações do magistério e que assegura envidar todos os esforços, etc, etc.* (CP, 25 out. 55, p. 10). Pagar de acordo com as "condições possíveis" ao Estado, eis o discurso comumente encontrado, propondo o reconhecimento simbólico, como se magistério não fosse profissão, mas uma atividade diferente, cuja recompensa "não é deste mundo".

Em outubro dos anos imediatamente seguintes aparecem aqui e ali textos de nuance mais crítica, como se o professorado aos poucos estivesse acordando para uma consciência mais profissional. Antigas práticas ressurgem, porém, quer venerando antigas mestras "que deram suas vidas pelos pequeninos", quer escolhendo La Salle, como patrono do magistério gaúcho. De fato, na trama de poderes e saberes que ali se entrecruzam, só um tipo com tal filosofia teria possibilidade de emergir como modelo, um tipo que defende a sublimação da vida através de pequenos atos do cotidiano, na convicção de que a humildade e o anonimato acumulam créditos para a vida eterna⁵. Talvez fosse interessante citar aqui

que, conforme documentos investigados por Foucault (1998, p. 120), La Salle, em seu *Tratado sobre as Obrigações dos Irmãos das Escolas Cristãs*, escreve um hino às “pequenas coisas”, fazendo com que a mística do cotidiano se associe à “disciplina do minúsculo”. Assim, conforme se viu e se verá, enunciados da servidão voluntária e da virtude da humildade estiveram e estarão sempre presentes⁶.

Na medida em que se aproxima a década de 60, entretanto, percebe-se que os discursos em geral tomam uma direção mais contestadora. Com a alternância do poder (em 1959 assume como governador o senhor Leonel Brizola, do Partido Trabalhista Brasileiro) propõe-se para o Rio Grande do Sul, uma educação de base para todos⁷. Em outubro de 60, o Centro de Professores envia à Assembléia Legislativa um longo memorial, pleiteando aumento de salário, arrolando justificativas e acrescentando estarem as professoras “confiantes na grande estima que V. Exa. devota ao magistério...”. O governo do Estado, porém, propõe oferecer um churrasco em homenagem aos professores.

Aos poucos, fatos discursivos parecem anunciar que algumas rupturas se desencadeiam, insinuando a consolidação de profundas transformações na sociedade brasileira. No interior da Secretaria de Educação surge uma proposta de vanguarda: a Divisão de Cultura patrocina o espetáculo *Eles não usam black tie*, na sala do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos (CP, 12 out. 60, p. 10). Ora, tanto o conteúdo da peça, como o local escolhido, indica a existência de um pensamento progressista por parte dos em-

preendedores de tal iniciativa. Tal evento foge completamente das práticas que até então vinham sendo desenvolvidas por ocasião da semana do professor. Insinuam-se igualmente gestos de vanguarda: “Professôr comemora seu dia lutando por melhor salário” (UH, 15 out. 60, p. 9).

O país passa a viver um clima tenso. A Igreja católica, por meio de sua ala mais conservadora, se manifesta: “Bispos brasileiros, em conferência, denunciam perigosa infiltração comunista no meio rural”. Qualquer descompasso recebe o significado de ameaça à *harmonia* que se inventou sempre existir: “Adverte o Presidente da República: Os inconformados querem dividir a Pátria” (CP, 10 out. 61, contra capa). Especial destaque neste momento recebem as campanhas de alfabetização de adultos, tendo em Paulo Freire um notável inspirador. Algumas iniciativas em favor dos “oprimidos” começam a tomar fôlego, às vezes um tanto anarquicamente - em especial ao longo do ano de 1963 - vindo a provocar reações por parte das forças políticas de direita. Jornais começam a acusar manifestos contra “ideologias de esquerda que se vem infiltrando nos meios estudantis”. Surgem igualmente acusações sobre possível militância esquerdista por parte do Ministro da Educação, Paulo de Tarso e, por extensão, João Goulart.

Em 1963, Ildo Meneguetti, eleito governador representando as elites conservadoras, convida para “a pasta da educação” alguém que revela não possuir filiação partidária: pela primeira vez em nosso estado, uma mulher e professora, a senhora Zilá Totta, assume a Secretaria de Educação e

Cultura. A rápida passagem desta professora pelo governo faz parecer que existem, no momento, condições para se desencadear práticas de vanguarda⁸. Em setembro daquele ano, acontece a primeira greve de professores: "Pela primeira vez em sua história, o professorado do Rio Grande do Sul foi à praça pública reclamar por seus direitos" (UH, 11 set. 63, p. 3).

Indubitavelmente, no ano de 1963 a correlação de forças entre diferentes instâncias de poder encontra um terreno fértil para sua demarcação. A Secretaria de Educação, por exemplo, revela uma tendência progressista ao instalar cinquenta círculos de Cultura em Porto Alegre (CP, 10 out. 63, p. 6). Naquele instante, a professora Zilah – por sua personalidade, filosofia e ação – parece incorporar a síntese do magistério de então. Seu discurso ("A educação é uma obra de todos e por ela, e em torno dela, devemos unir nossas forças, objetivos e crenças" [CP, 30 out. 63, p. 11]) caracteriza-se por um fundo humanista. Deixa explícito que é a favor da justiça social e defende, mais de uma vez, a importância da escola se integrar na comunidade. Mas, com a mesma veemência, insiste em se manter apartidária. Desde os primeiros momentos evidencia abertura ao diálogo e à participação: "[...] a Secretaria de Educação e Cultura não será administrada por mim, mas pelo Magistério". Atos e palavras simbolizam em parte a razão de sua brevidade no cargo: o eterno discurso da falta de condições para o pagamento ressurgiu da Secretaria da Fazenda, gerando protestos por parte do magistério: "Estamos dispostos a ir à greve se tal medida for necessária" (CP, 4 out. 63,

p. 10). Dias depois: "[...] o limite até o qual o professorado pode suportar [...] está prestes a ser ultrapassado" (UH, 9 nov. 63, p. 7).

É alto verão e greves se desencadeiam pelo país afora. O governo do Estado decide empregar recursos administrativos para reverter a rebeldia dos professores. Mas o efeito é inverso: na assembléia para discutir o ultimato do senhor governador "em certo momento, foi necessária a enérgica intervenção da Mesa para impedir que os professores - e principalmente as professoras - mais exaltados improvisassem uma marcha de protesto ao Palácio Piratini (UH, 7 jan. 64, p. 5) [não grifado no original]. As professoras, aquelas cândidas mocinhas e senhoras, tão exaltadas em versos e prosas, agora decidem tomar posição. Ao longo desses acontecimentos, também se processa a *Crise Zilah Totta* (UH, 3 jan. 64, p. 1), que toma posição em favor dos seus colegas: Zilah, que havia introduzido a prática participativa na administração, Zilah que defendera o direito dos contratados, Zilah, que havia reforçado a integração escola-comunidade, Zilah que ordenara "blitz contra analfabetismo, baseadas no Método Paulo Freire" (UH, 18 dez. 63, p. 7) seria demitida.

Decididamente o momento provoca reações tão inéditas por parte das mestras a ponto de se tornarem manchetes: "De nada adiantam as palavras do Governo. O magistério sofre e quer atos. Greve geral das professoras primárias foi deliberada [...] em assembléia geral da classe" (UH, 5 mar. 64, capa e p. 3). Ariosto Jaeger, tendo assumido o cargo de Secretário de Educação, afirma que o magistério está servindo de mas-

sa de manobra para maiorias extremistas. Mas os professores reagem: "A nossa luta vai continuar". Talvez seja esta a diferença maior entre tudo o que esteja sendo considerado ousadia neste instante: professores primários - melhor dizendo mulheres professoras - decidirem por greve! Algo realmente revolucionário se anunciava. Quanto tempo duraria a ilusão de possuir a força do mundo? Quantos dias se dormiria ainda com a esperança de acordar e encontrar espaço para a esperada transformação não só das condições do professorado, mas da sociedade como um todo?

Pois nos dias que se seguem: "[...] foram denunciadas substituições de professoras..." (UH, 20 mar. 64, p. 3). E denúncias do tipo: "[...] professoras que participaram da recente greve da classe estão sofrendo pressões por parte das diretoras de escolas" (UH, 25 mar. 64, p. 11). Ainda assim, na semana que antecede a deflagração do golpe militar, Porto Alegre tem o privilégio de receber, pela segunda vez, aquele que mais tarde viria a ser considerado um dos principais pensadores do campo da educação no final do século XX, Paulo Freire⁹.

Naqueles dias o chamamento aos brasileiros, diante de um país que grita por mudanças estruturais, constitui-se como um enunciado de forte repercussão na sociedade; enunciado este que advém das mais variadas vozes, com posições radicalmente opostas e amparadas por forças claramente antagônicas em seus interesses, nos mais variados recantos do país. Os discursos nas páginas da imprensa permitem que se *leia* uma sociedade com condições de

possibilidade para fazer emergir práticas de emancipação.

Mero sonho de verão. Em seguida acontece o golpe militar. E, embora a ingenuidade dos primeiros dias ainda permitisse algumas ilusões em *resistir*¹⁰, logo todos se deparariam com outras manchetes: "Suspensos direitos políticos de 34 pessoas [entre elas dois professores, cujos nomes não haviam sido citados]" (ZH, 8 maio 64, p. 10). E, daí por diante, as manchetes são aquelas que alguns ainda temos presente em nossas memórias, como por exemplo: "Castelo Branco decreta fim da UNE" (ZH, 4 jul. 64, capa), "[...] promessa de que os líderes da greve não seriam punidos não foi cumprida" (ZH, 2 out. 64, p. 5), "Governo usará a Lei de Segurança Nacional para punir agitadores" (CP, 7 out. 64, capa). Mais do que nunca as tradicionais práticas discursivas e não discursivas voltam a se instalar ("romaria ao túmulo da professora Anfilóquia..." [CP, 7 out. 64, p. 9]). Retornam igualmente conclamações ao trabalho missionário: "[...] Prossegue, professor, em tua missão e que o Mestre Eterno fortifique teu pensamento e tua ação" (CP, 15 out. 64, p. 18). Ressurgem com vigor as saudações às mestras em nome do Estado, e dos demais interessados em saudá-las "invocando a Deus para que possamos todos, Magistério e Administradores [...] encontrar forças para prosseguir na orientação segura em nossa tarefa de EDUCAR" (15 out. 64, capa).

Como já aludido, nos primeiros tempos, o golpe militar encontra certa resistência por parte de alguns grupos, os quais imaginam possuir forças para levar adiante antigos projetos, ousadas alternativas,

em favor de uma sociedade com maior justiça social. Nominados como “agitadores”, eles têm suas práticas abortadas, às vezes de forma violenta¹¹. Como afirma Foucault (1993), não se escapa nunca do poder. Ele sempre “já está lá” e ajuda a constituir até mesmo aquilo ao qual ele tenta se opor. Assim, também, ele só é acionado drasticamente nos momentos de sua fragilidade. Ou seja, na medida em que cresce o enfrentamento entre as partes – como o ocorrido no início dos anos 60, e em especial nos anos de 1963 e 1964 – mais vigorosa a explicitação da autoridade constituída, no caso o Estado, que passa a valer-se do uso da força explícita como último recurso para legitimar-se.

Por meio das páginas folheadas ao longo desse período, é possível perceber que as redes de poder que em anos imediatamente anteriores fizeram emergir forças contrárias ao estabelecido (como é o caso de lutas explícitas do magistério em favor de seus direitos) agora não encontram condições de existência. De fato, tais forças sempre lutaram com dificuldades, tendo que administrar não só as poderosas práticas de uma sociedade autoritária, como também as lutas internas, pelo poder, no seio de suas próprias agremiações. E, nestas circunstâncias, aquele antigo quadro – onde sempre esteve traçada a *pauta que a mestra deveria seguir* – volta a tomar seu lugar de destaque. Aproximando-se a década de 1970, reformas amparadas pelo tecnicismo aos poucos, vão-se consolidando, jogos de poder valendo-se de sutil sedução. Ou seja, a moldura é restaurada, a imagem sofre pequenos retoques, mas com extremo cuida-

do, com a sutileza necessária a fim de garantir que o velho pareça novo. Ali, porém, bem visível, está *o mesma*. Tanto continua mantida a proliferação de discursos anunciando que o sistema de ensino se encaminha para solução, quanto se alimenta dispositivos do senso comum proclamando que a professora precisa ser valorizada. Manter enunciados em torno dessas *verdades* significa colaborar na constituição do conhecimento necessário para que a ordem social vigente não sofra radicais alterações. De fato, quase nada muda.

Em síntese, este mergulho num tempo de curta, porém significativa duração, inspira-nos a reafirmar: nesta “existência acumulada de discursos” (Foucault, 1987), o que aqui se configura são lampejos, meras manifestações, de um universo autoritário e conservador, cujas intenções, embora nem sempre concretizadas com sucesso, têm se perpetuado ao longo de décadas. Muito mais do que adotar uma postura linear de análise, o que aqui se quis foi conhecer o universo discursivo que ajudou a constituir a professora dessa época. Ao mesmo tempo, buscou-se encontrar possíveis traços que anunciassem rupturas nas relações de poder em que essa profissional estivesse imbricada, em especial enquanto categoria profissional. Na trama de relações em luta, até mesmo intenções e desejos podem vir a se constituir em forças poderosas que, aqui e ali, encontram condições de possibilidade para travestir-se em práticas que inibem diferenças. E, ainda que encontrem algum obstáculo, tais forças descobrem novas e sutis estratégias para lá se impor e lá permanecer. A eficácia des-

sa trama do poder está justamente na capacidade de expandir-se por pontos múltiplos, valendo-se de condições férteis que encontra pelo caminho, desdobrando-se continuamente em formas renovadas. Ao longo das páginas analisadas, a superfície discursiva permitiu maior visibilidade de práticas inibidoras do que de ações dissonantes. No entanto é preciso lembrar, o fato de ter constatado a onipresença de enunciados de dimensão autoritária não anula a possibilidade de que, em “camadas sedimentares diversas” (Foucault, 1987), estejam sendo geradas futuras irrupções.

Notas:

¹ Daqui em diante identificados respectivamente como CP, UH e ZH.

² O material de análise refere-se às edições do mês de outubro de cada ano por ser esse o mês em que há maior número de referências acerca do magistério, em virtude da comemoração do Dia do Professor. Uma exceção foi feita: nos anos de 1963 e 1964, por tratar-se de período que exigiu maior aprofundamento, foram consultadas edições dos demais meses.

³ Na maioria das vezes o termo utilizado aqui será no feminino, embora os textos da época insistam no contrário.

⁴ As citações foram mantidas em suas grafias de origem.

⁵ Para La Salle entre as qualidades do bom educador está “um devotamento a toda prova, que não procura senão a glória de Deus e o bem dos meninos” (*Revista do Ensino*, outubro 1958, p. 54).

⁶ “[...] conto convosco [professores] para a realização de uma grande tarefa. Tarefa que não precisa ter história. Que seja tecida de versos anônimos. Mas que engrandeça o país [...]” (Secretário de Educação do Estado, *Revista do Ensino*, mar. 1956, p. 2).

⁷ No campo educacional, em termos quantitativos a gestão de Leonel Brizola (1959-1962) se destaca: o quadro de professores primários estaduais, por

exemplo, passa de 8.785 em 1958, para 21.156 em 1961.

⁸ Entre as matérias jornalísticas pode-se ler: “[...] o Programa de Cultura Popular constitui a principal meta da administração da SEC/RS” (CP, 9/763, p. 4), a qual ao longo dos próximos meses leva em frente “uma importante experiência no campo da alfabetização popular. Em doze locais, onde reúnem operários, domésticas, marginais e desempregados, num total de 300 alunos adultos, estas jovens (moças voluntárias) criaram um novo método de ensino, baseado no sistema Paulo Freire” (CP, 21 dez. 63, p. 3).

⁹ “A hora é de definições. Este é um período de transição, de crise, em que velhas tarefas, velhas posições, procuram resistir, enquanto emergem novas tarefas e novas posições, procurando se afirmar, disse o sociólogo Paulo Freire, em palestra que dirigiu à cerca de mil pessoas, ontem à noite, no salão de Atos da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul [...]. Em outro tópico de seu pronunciamento, o prof. Paulo Freire fez uma apreciação em torno das forças políticas atuantes no Brasil, definindo o *reacionário* como aquele que se considera dono da verdade, do processo histórico e ausente do trabalho de democratização do país. [...] Após esclarecer sua opção política, frisando ser cristão-católico de esquerda e pedindo a outros cristãos-católicos ibadianos que não interfiram em sua opção política, o professor Paulo Freire dirigiu apelo para que todos atuem, não sejam omissos. E frisou: ‘particularmente nós aqui reunidos que provavelmente compomos 1% dos brasileiros que atingem a Universidade e que estamos em débito com o povo’ (UH, 25 mar. 64, p. 14).

¹⁰ “[...] várias manifestações contra o golpe militar de 31 de março [...] o Comando de Revindicações do Magistério do Estado que participou da última greve vitoriosa da classe [...] instalou sua sede, ontem, pela manhã, no 1º andar da Prefeitura Municipal [...] [convocando] todos os professores a se manterem fiéis à Constituição e às reformas reclamadas pelo Presidente da República” (UH, 2 abr. 64, p. 15).

¹¹ Com referência a estas mesmas fontes, enunciados (dispersos e não completamente visíveis) são analisados, relacionados com o campo extradiscursivo, em outro estudo (Fischer, 1999).

Referências bibliográficas

FISCHER, Beatriz T. Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Porto Alegre, 1999. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. *História da sexualidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. Vol. 1: A vontade de saber.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

Periódicos consultados

REVISTA DO ENSINO, Porto Alegre, outubro 1958.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 1950-1970.

ÚLTIMA HORA, Porto Alegre, 1950-1964.

ZERO HORA, Porto Alegre, 1964-1970.